

Fundamentalismo islâmico: a trajetória de um povo na busca da sua identidade*

*Celia Morgado Vaz***

Resumo

Este artigo versa sobre o fundamentalismo, suas características e facetas, com foco particular no fundamentalismo ou renascimento Islâmico, entendido como uma reação à colonização europeia, à ocidentalização e à modernidade, fatores aos quais seus integrantes atribuem a decadência cultural, política e religiosa do Islã. Formado por movimentos coletivos que buscam fortalecer a sua identidade fragilizada, perdida ou ameaçada, o fundamentalismo islâmico pretende resgatar a força e a pureza do Islã original. Seus seguidores querem reconstruir na terra um Estado ético-religioso sob a lei de Deus.

Palavras-chave: Fundamentalismo islâmico; Fundamentalismo; Modernidade; Islamismo.

Abstract

This paper is about fundamentalism, his meanings and facets, particularly focus on Islamic fundamentalism or Islamic rebirth view somehow as a reaction against the European colonization, the process of Westernization and modernity. To them, these factors induced the Islam to decline culturally, politically and religiously. Collectively organized, these movements intent to strengthen their fragility, feeling lost or threatened identity. The fundamentalism Islamic wants recover the power and purity of original Islam. They want to built on Earth one ethical-religious nation beneath the God's law.

Keywords: Fundamentalism; Islamic fundamentalism; Modernity; Islamism.

1 Introdução

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro e o desprezo, a agressividade e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem guerras religiosas, violentíssimas, com incontáveis vítimas.

Leonardo Boff

* O presente artigo foi objeto de comunicação feita no I Congresso Internacional de Teologia e Ciências das Religiões, de 10 a 13 de junho de 2013 em Vitória/ES.

** PUC Goiás. E-mail: celia@celiamorgado.com.br

O Fundamentalismo é um tema que se encontra na moda em nossos tempos; portanto, está na tônica da mídia que, naturalmente, nos transmite os fatos e acontecimentos a partir de determinado ponto de vista. Assim é que a sociedade pós-moderna ocidental e cristã vai sendo informada, e ao mesmo tempo é formada a sua opinião a respeito do Fundamentalismo islâmico, que diz respeito à postura do outro, do diferente, em termos culturais, sociopolítico e ético-religioso.

Este artigo aborda em primeiro lugar o Fundamentalismo e sua caracterização; em segundo lugar analisa o Fundamentalismo islâmico e suas raízes.

Sabendo que o Fundamentalismo acontece nas mais diversas áreas onde transita o humano – a política, a economia, a própria sociedade e a religião, propõe-se aqui uma pesquisa visando um aprofundamento no tema, buscando os motivos, as causas e os porquês do fundamentalismo religioso, particularmente o islâmico, procurando ver que fatores se correlacionam ao fenômeno, de forma a poder traçar um mapa mais abrangente e completo do mesmo.

2. Fundamentalismo

Pace, em sua obra *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*, começa introduzindo o conceito e delimita o que é o fundamentalismo. Segundo ele, quatro elementos caracterizam e distinguem o fenômeno: Princípio da inerrância, princípio da ahistoricidade, princípio da superioridade da lei divina sobre a lei terrena, e o primado do mito da fundação.

Castells, refletindo sobre a questão da identidade, apresenta a seguinte definição para o fundamentalismo:

A construção da identidade coletiva a partir da identificação da conduta individual e as instituições da sociedade com as normas derivadas da lei de Deus, interpretada por uma autoridade definida que se faz de intermediário entre Deus e os homens (CASTELLS, 1997, p. 35).

No entanto, para muitos autores, o fundamentalismo não acontece apenas na religião, ocorre também na política, na economia, ligado às questões sociais, enfim, em todas as áreas, sendo o elemento comum em todas elas o conservadorismo extremo e intransigente, e a atitude de que são os donos da verdade. Boff (2002) ressalta que características como a intolerância e certeza de possuir a verdade são fatores que tornam fundamentalistas vários sistemas, como o neoliberalismo, que se apresenta como “solução única para todos os países e todas as carências da humanidade”, e também o paradigma científico moderno (tecnociência), com a violência contra a natureza e atitude de desrespeito para as outras formas de conhecimento que não usam

a via da razão instrumental-analítica. Boff tece ainda uma análise de dois fundamentalismos políticos, o dos Estados Unidos, de George Bush, com seu projeto de guerra “Justiça Infinita” e o de Osama Bin Laden, que também atacou em nome de Deus.

Embora o fundamentalismo em si não seja um fenômeno novo, a palavra “fundamentalismo” só começou a ser usada no início do século XX e, da forma como a entendemos hoje, está intimamente associada à modernidade, caracterizando-se mesmo como uma reação às transformações sociais advindas com a modernidade e a pós-modernidade.

Para Arens (2004), a modernidade se distingue principalmente pelo predomínio do liberalismo e pelo reinado da racionalidade. Mas também traz a aceitação do pluralismo, do diálogo aberto, dos direitos humanos de liberdade e igualdade, valoração da subjetividade, independência frente aos padrões prefixados e coações sociais e aos imperialismos ideológicos.

Segundo Giddens, o fundamentalismo religioso apareceu como uma reação à globalização, em defesa das crenças tradicionais. Os fundamentalistas acreditam que apenas a sua visão de mundo é correta e que somente um grupo privilegiado pode interpretar os textos religiosos, o qual tem ainda autoridade nos assuntos seculares. Caracterizando o movimento, diz que:

O fundamentalismo religioso representa a abordagem assumida por grupos religiosos que exigem a interpretação literal das escrituras ou dos textos fundamentais e acreditam que as doutrinas surgidas a partir dessas leituras devem ser aplicadas a todos os aspectos da vida social, econômica e política (GIDDENS, 2005, p. 447).

Para Leonardo Boff (2002), “o nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo americano conservador”, que ganhou relevância social a partir dos anos 50. Boff identifica o fundamentalismo católico com o nome de Restauração e Integrista e cita como expoente o cardeal Josef Ratzinger e aponta movimentos fundamentalistas também entre os pentecostais e outras igrejas evangélicas.

Arens (2004, p. 36-52) ressalta a reação contra o vazio e a falta de sentido advindas do modernismo e do pós-modernismo. Para ele, a partir dos anos 60 inicia-se o movimento “contracultural” em função do desencanto e contra a sociedade moderna e seus valores, dando início à pós-modernidade, que substitui o império da razão pelo império do prazer, e o planejamento pelo imediatismo. Caracterizado pelo vazio existencial, o homem pós-moderno, sem raízes e sem norte não tem profundidade e não crê no futuro. Busca a realização pessoal, focado no individual e na liberdade irrestrita, e

atropela tudo: cultura, tradição, valores clássicos. Em função do avanço das comunicações, “vive” o caos mundial e, sob o império da economia, “vive” o consumismo desenfreado.

Surge então o fundamentalismo como alternativa, uma resposta daqueles que desejam viver a ordem, a disciplina e a solidariedade. Diante da desorientação, o fundamentalismo oferece ordem; diante do niilismo, oferece uma ilha de salvação, um sentido e norte para a vida; diante do vazio existencial, oferece uma ancoragem na História e no passado.

Schünemann (2008, p. 64-86) entende que o fundamentalismo mantém uma relação paradoxal com a modernidade. A partir de sua visão dicotômica da realidade do bem *versus* o mal, divide a modernidade em aspectos que considera corretos e outros que julga errados. Assim, rejeita a secularização produzida pela modernidade, mas quer tomar o controle da ciência (que prioriza a razão) e da tecnologia (produzida pela expansão capitalista) em suas mãos, dizendo que são mal utilizados pelos humanistas seculares. Nos Estados Unidos, os fundamentalistas criacionistas defendem a leitura literal do Gênesis e acreditam ser possível confirmar os fatos ali narrados com pesquisas científicas. Dessa forma, o fundamentalismo tenta se apossar da ciência e utilizar a tecnologia e o aparato científico para construir a sua própria modernidade.

2.1 Islamismo

Segundo Pace, a religião fundada pelo profeta Muhammad não faz distinção entre religião e política. Seu livro sagrado, o Alcorão, recebido em revelação pelo Profeta no século VII d.C. (de 610 a 632 da nossa era) deve ser um verdadeiro guia para o muçulmano em todos os aspectos da vida. Prega a adoração e a obediência a um Deus único, cuja relação faz-se em termos de aliança, com uma “doutrina do martírio”. “Para Weber, o supremo ideal ascético no Islã não é representado pelo trabalho como profissão, mas pelo modelo do monge guerreiro que, em nome da fé, está pronto a sacrificar a própria vida, morrendo mártir” (PACE, 2005, p. 17).

Para entender o fundamentalismo islâmico, Giddens procura aspectos e características da própria religião. Segundo ele, “o Islamismo, assim como o Cristianismo, é uma religião que sempre estimulou o ativismo: o Alcorão está repleto de instruções para os fiéis ‘lutarem no caminho de Deus’” (GIDDENS, 2005, p. 447). Provavelmente, por isso mesmo, aconteceram muitas divisões internas no islamismo ao longo do tempo, que resultaram em dois grandes grupos:

Os Xiitas, de visão bastante rígida, participantes do xiismo, a religião oficial do Irã desde o século XVI, originada com o líder religioso Imam Ali,

que acreditavam ser da família do profeta Maomé, e seriam guiados diretamente por Deus para eliminar as tiranias e injustiças dos regimes existentes. Os Xiitas reconhecem que Muhammad é o Profeta, mas para eles o ciclo da profecia não se fechou com a sua morte, de modo que o conteúdo escondido da revelação deve ser constantemente explorado e desvelado pelo Iman, reconhecido pela comunidade como portador de um carisma especial. Desse modo, o Alcorão é continuamente interpretado, recebe acréscimos de sentido e acumula novas leituras pelos sucessivos Imanes que, como “amigo de Deus”, é considerado infalível.

Os Sunitas seguem o “velho caminho”, que tolera a existência da diversidade de opiniões, estão presentes na maioria dos países do Oriente Médio, Índia e Paquistão. Adotam que o Profeta Muhammad fecha o ciclo de profecias que vêm desde Adão, e passa por Noé, Moisés e Jesus. O Alcorão, para os Sunitas, é uma revelação clara e definitiva da Lei divina. Entre as pessoas com mais autoridade e fiéis à trajetória profética de Muhammad escolhem o Califa para dirigir a comunidade, sendo considerado um fiador da verdade revelada.

Essas duas famílias do Islã, com diferentes concepções teológicas, implicam conseqüências no plano social e político, pois elas adotam modos diferenciados: de encarar a legitimação política do líder da comunidade; de considerar as relações sociais entre a direção e “o povo” dos crentes; de construção do princípio de autoridade da linha de crença e de contemplar a Lei corânica (PACE, 2002, p. 99-102).

2.1.1 Um Perfil do Fundamentalista

Arens diz que “estritamente falando, não existe ‘o fundamentalismo’ [...] o que existe são movimentos, religiões, pessoas que vivem [...] como fundamentalistas”. Pessoas essas que trazem elementos comuns tanto em termos de comportamento como mostram ter traços de caráter ou personalidade bastante específicos. Para ele, o fundamentalista é uma “pessoa com uma cosmovisão de tempos passados, enquanto agressiva frente à modernidade, fechada em posturas intransigentes, que nega a refletir e confrontar com a realidade” (ARENS, 2004, p. 36/37).

Com a modernidade e as grandes mudanças advindas, muitos indivíduos perderam suas raízes, tornaram-se inseguros e medrosos; para compensar, ficaram rígidos, e se tornaram fundamentalistas como uma reação; uma forma de reaver o que se perdeu. Buscam a segurança na tradição, nos valores que conheciam e lhes proporcionavam embasamento. E se apegam a esses valores, aos livros sagrados, aos sistemas tradicionais, tudo como uma tentativa de conseguir novamente a segurança. Aderem com tanta convicção a um sistema

de fé ou de valores consagrados, que passam a acreditar possuir a verdade; tornam-se moralistas e impermeáveis a qualquer tipo de questionamento, perdendo a liberdade de pensamento e de compreensão acerca da subjetividade que permeia todo o conhecimento. Diante de tudo isso, respondem com agressividade àquilo que identificam como agressivo e inimigo. Tornam-se intolerantes e, muitas vezes, assumem uma postura messiânica, a partir da autoridade e referência sagrada.

Numa contradição entre o que aquilo é e o que mostra para o mundo, o fundamentalista alimenta a imagem de ser uma pessoa segura, crítica e informada, enquanto, na verdade, não é nada disso. O que ele faz é negar suas fraquezas. É exatamente devido à sua fragilidade, facilmente dissolve seu ego, tornando-se um instrumento do grupo ao qual pertence e lhe dá o sentimento de ser forte. Dessa forma, eles constituem guetos com acentuado sentido de pertença e identidade.

2.2 Fundamentalismo Islâmico

2.2.1 Antecedentes

O Islã tem uma grande expansão e crescimento cultural em seu início, do ano 660 d.C. até os primeiros anos do século XI. A partir de então, começa a desagregação da potência abássida e surgem grupos autônomos tanto no Oriente Médio como no Norte da África. Grupos esses que se tornarão três grandes impérios: o otomano, o Sá ávida e o mongol. Com a penetração da religião muçulmana em territórios da Ásia, África e na Europa cristã meridional, ela se mistura com costumes e usos locais de diferentes grupos étnicos e vai se fragilizando, mas os países e impérios do mundo muçulmano resistem militarmente e travam relações comerciais com a Europa.

Entretanto, no século XIX, a Europa submete parte do domínio até então muçulmano na África e na Ásia, resistindo o Império Otomano, que acaba por se dividir no final do século XIX. Assim, em 1830 os franceses entram em Argel, em 1860 na Síria e no Líbano e, em 1910, invadem a Turquia. Em 1877, a Índia é tomada pela Inglaterra, que em 10 anos estende seu domínio ao Egito e Sudão. A Rússia praticamente colonizará toda a Ásia Central, tomando partes do Irã (1880), enquanto a Itália ocupa a Líbia. Em função da colonização europeia, inicia-se um processo de fragmentação do poder local e aparecem formas religiosas do misticismo sufi ou Islã mágico-popular.

Enquanto a Europa vive o Renascimento, o mundo muçulmano entra em estagnação cultural, científica e tecnológica; o Islã entra em decadência do ponto de vista político, econômico e militar. Nesse momento, o imaginá-

rio popular muçulmano forma o mito de uma idade de ouro, que alimenta a necessidade de reformas no islamismo para resgatar sua força e pureza originais, que detêm o segredo de tão grande sucesso na História (PACE, 2005, p. 233-238).

2.2.2 *O Despertar*

Os movimentos do despertar islâmico buscam combater o colonialismo europeu, sendo imperativo fortalecer sua identidade fragilizada em função da dominação sofrida.

Said Amir Arjomand (1995, p. 27) busca as raízes sociais para o fundamentalismo islâmico e identifica cinco processos de mudança social que, segundo ele, levaram à busca das escrituras do Islã, numa tentativa de revigorá-lo:

1. Disseminação do Islã e processo de intensiva islamização no mundo
2. Urbanização – há uma associação histórica entre religiões congregacionais e vida urbana
3. Emergência de uma esfera pública e desenvolvimento dos transportes
4. Aumento da literatura e da educação – que permitiu a edição de novos livros e a divulgação do Islã através de jornais, panfletos e via internet
5. Maior alcance da política e da cultura internacional na sociedade e nas instituições, e a incorporação das massas na vida política.

Os movimentos do despertar começaram no século XVIII, com a união dos líderes locais, formando uma rede de solidariedade tribal. Em comum havia os ideais de reafirmar o caráter monoteísta do islã, reconquistar as terras do Islã que tinham sucumbido ao domínio dos “infieis” e caído num estado de ignorância da fé, e a decisão de abandonar os territórios em que a presença dos infieis, dos politeístas e dos pagãos fosse predominante.

Segundo Pace (2002, p. 53), o renascimento islâmico visava atender a três necessidades:

1. Retorno às origens, às formas puras, aos fundamentos do Islã.
2. Reafirmar a identidade perdida, esforçando-se para adaptar o Islã à modernidade.
3. Reconstruir na terra um Estado ético-religioso fundado sob a lei de Deus.

Pace apresenta o debate teológico, filosófico e hermenêutico presente na história do Islamismo que, segundo ele, é de extrema importância para se entender o fundamentalismo islâmico, pois estava presente naquele momento inicial a vontade de conciliar a tradição islâmica com a modernidade ocidental.

Pode a razão humana interpretar, à luz das transformações da história, o livro sagrado no qual se acredita estar presente a revelação de Deus e o fundamento de todos os princípios constitutivos e da razão de ser da existência individual e social? Em caso afirmativo, até onde pode ir essa atividade hermenêutica? (PACE, 2002, p. 54).

Tais movimentos caracterizavam-se pelo surgimento do líder carismático, na figura do Mahdi (o salvador), enviado por Deus para libertá-los do mal e estabelecer o reino do bem.

Os movimentos do despertar duraram pouco. Perdurou e se desenvolveu aquele chefiado por Muhammad Abd' al-Wahhab (1703-1752 ou 1705-1787?), na península arábica (posteriormente Arábia Saudita), que recebeu o apoio da tribo local, os Saud, e institucionalizou o credo wahhabita.

Apesar de breve, o despertar islâmico difundiu-se:

- Na Índia setentrional, com o líder Sayyid Amhad Shadid (1776-1831) visando purificar o Islã das influências hindu e sikh.
- Na Nigéria, com o califa Uthman Dan Fodio (1754-1817), fundador do califado de Sokoto (1809-1903), modelo para o movimento de Hajj 'Umar Tal (1794-1865) que, em 1852, invocará a guerra santa contra os “infieis” e “idólatras” de território entre a Guiné, o Senegal e Mali.
- No Chad, onde a confraria sufi, fundada por Muhammad Ali Sanusi (1787-1859) constitui a base social e política do movimento do despertar e da resistência, que se opõe à penetração italiana na Líbia.
- Na Somália, onde Sayyid Muhammad Abdallah Hasan (1864-1920), os clãs e a população nômade do interior, lutam “contra os infieis”, na presença colonial italiana, britânica e francesa.
- E no Sudão, com Muhammad Amhad Abdallah (1844-1885) e a guerra santa contra os estrangeiros entre 1881 e 1889 (PACE, 2002, p. 57).

2.2.3 O Reformismo Islâmico

Embora em sintonia com os movimentos do despertar islâmico quanto à necessidade de atualizar a fé dos antigos, purificando o Islã, o reformismo prioriza a sua modernização, levando em conta a questão científica, tecnológica e política. “A palavra de ordem é modernizar o Islã para “islamizar” a modernidade. É um desafio, ao mesmo tempo, teológico e político, religioso e científico” (PACE, 2002, p. 60).

O Reformismo no Islã teve como principais líderes: o persa Jamal AL-Din AL-Afghani (1839-1897), os egípcios Muhammad 'Abdu (m. 1905) e Rashid Rida (m. 1935), o sírio Kawakibi (m. 1902), o argelino Ibn Badis (m.

1940), e finalmente Sayyid Ahmad Khan e Muhammad Iqbal na península indiana (1873-1938).

O reformismo foi uma tentativa mais duradoura que o despertar, principalmente por meio do movimento *Tanzimat*, no mundo otomano, que pretendia recuperar algumas características do modelo sociorreligioso islâmico, numa forma de democracia que respeitasse o Alcorão, com a prática da *shura*.¹

O reformismo difundiu as suas ideias, mas não conseguiu projetos políticos reais, num claro insucesso de conciliar o Islã com a modernidade (PACE, 2002, p. 60-69).

2.2.4 *Movimentos Radicais*

Os reformistas foram suplantados pelas novas elites nacionalistas de matriz ocidental, formadas nas academias militares. Emergiram, assim, os movimentos radicais, o Islã político, com militares habituados à tecnologia bélica ocidental, motivados pela exclusão do Islã nos novos Estados-Nação após a queda do império otomano. Eles lutam contra a difusão das ideologias ocidentais em seu meio e pregam o retorno às origens, com a aplicação dos conceitos teológicos do livro sagrado à vida social e política. Seguem uma linha hermenêutica precisa:

Voltar a fundar religiosamente a sociedade em vias de secularização e, se esta operação encontrar a oposição das elites no poder, organizar a revolta contra o poder e instaurar um modelo de estado coerente com o modelo ideal presente no alcorão e na tradição (PACE, 2002, p. 67).

Na origem do radicalismo está a Irmandade Muçulmana (*Ikhwan Al-Muslimun*), associação fundada em 1928-1929, pelo egípcio Hasan al-Banna (1906-1949), que queria reislamizar a sociedade egípcia.

Em 1948, por suas atividades agressivas, a Irmandade é reprimida pelo governo egípcio e, após o atentado ao primeiro-ministro Nuqrashi é dissolvido o movimento e seu líder é assassinado em 1949. Hasan AL-Hudaybi passa a liderar a associação; alia-se ao grupo dos “oficiais livres” na “revolução de 23 de julho” em 1952. Cai o rei Faruk e sobe Abd-al-Nasir ao poder, de quem esperam em vão a realização do projeto da Irmandade: instaurar um Estado nacional em que o Islã é a trave mestra constitucional. Mas o nasserismo trai o grupo e leva adiante um projeto semelhante ao modelo ocidental, reduzindo a influência das instituições islâmicas. Promovem então um atentado contra o *rais* egípcio; como consequência a associação é dissolvida novamente e os líderes são condenados à morte, entre eles Sayyid Qutb (1906-1966).

¹ *Shura*: costume introduzido por Muhammad, trata-se de um órgão consultivo que o próprio profeta utilizava antes de tomar qualquer decisão relevante para toda a comunidade.

Sayyid Qutb deixou a obra teológica, o *Zilat*, publicada após a sua morte, onde faz uma reinterpretação dinâmica do Alcorão, um sistema capaz de transformar o mundo. Para ele, os verdadeiros defensores da fé eram os monges-guerreiros, com a missão de mostrar o caminho a todos que adormeceram na fé. A *jihad* (combate na via de Deus) permitia o recurso à violência visando a purificação. O *Fi zilal Al-Qur na* (À sombra do Alcorão), produzido na prisão entre 1954 e 1964, tornou-se a referência teórica, teológica e ideológica dos grupos radicais contemporâneos.

Em 1979, na revolução do Irã, sobe ao poder Aiatolah Khomeyni, de orientação xiita, diferentemente da sunita, proposta por Qutb. Com a ajuda dos revolucionários da *Hezbollah* (partido de Deus) ele implementa a república islâmica, que devia ser, para eles, uma terceira via, alternativa ao socialismo e ao capitalismo. Khomeyni configura-se como um símbolo de desforra contra o Ocidente – O Grande Satanás – e sinal do renascimento islâmico contra o domínio do Ocidente (PACE, 2002, p. 66-78).

2.2.5 *Desenvolvimento Posterior*

No Sudão, realiza-se a utopia do Estado islâmico, a partir da união dos Irmãos Muçulmanos com os militares em 1987, permanecendo o país em guerra civil. O Egito, a partir dos anos 80, divide-se: Jihad Islâmico, um grupo mais radical, liderado por Salam Faraj, reivindica o assassinio de Anwar Sadat, acusado de traição por ter assinado um acordo de paz com Israel. E a Irmandade Muçulmana, mais moderada (Jama' at). Os dois grupos atacam símbolos do “poder corrompido” cristãos, hebreus e turistas ocidentais. Na Argélia, a FIS, AIS, e depois GIA (Grupo Islâmico Armado), pega em armas – inclusive contra mulheres e crianças – para eles os meios justificam a luta contra o mal. Na Palestina, o grupo Hamas (Ahmed Yassin, 1987), descendente da irmandade muçulmana, e o grupo *Jibiad* islâmica palestina (Fati Shqaqi) praticam a partir dos anos 80 a *jihad*, sob a forma de martírio – autoimolações que visam dizer que se deve sacrificar a própria vida para defender o Islã. No Afeganistão, os *Talibans* impõem a lei corânica na luta contra as inovações, impõem a *burqa* para as mulheres e a proibição de reprodução de imagens, para impedir a invasão do Ocidente com suas imagens sedutoras (PACE, 2002, p. 78-83).

2.2.6 *A Primavera Árabe*

Desde 1990 e o fim da Guerra Fria, os jovens árabes, em comunicação com o restante do mundo, deflagram um processo de evolução do mundo muçulmano, face ao dogmatismo wahhabita, à corrupção, ao neocolonialismo, ao subdesenvolvimento, à fome, ao desemprego e à humilhação diante

da política ocidental fundada no petróleo dos países sunitas e na obediência dos governos vigentes.

Após o atentado de 11 de setembro de 2001 e da invasão do Afeganistão, seguem 10 anos de certo marasmo; permaneceu o conflito árabe-israelense, a Turquia assumiu um discurso cada vez mais “islâmico”, o Irã avançou com seu projeto nuclear e a situação no Iraque manteve-se estagnada, na espera da retirada total das tropas norte-americanas e de uma possível influência iraniana sob os setores xiitas.

Em dezembro de 2010, movimentos populares de protesto pacíficos ou violentos contra os regimes políticos e as condições de vida dão início à chamada Primavera Árabe. Essa nova onda de revolta marca uma fase de profundas transformações e um processo de modernização que o Oriente Médio vem passando (PEREIRA, 2012).

Segundo Roche (2011, p. 13), o mundo árabe encontra-se diante do desafio de formar, o mais rápido possível, elites capazes de dirigir os movimentos de libertação. A Tunísia e o Egito evoluem em direção a uma democracia, mas lentamente; no Líbano, nos territórios palestinos, na Jordânia, Iraque, Kuwait, Emirados, Omã, Arábia Saudita, Sudão (Norte), Argélia e Marrocos existem movimentos sem realizações imediatas; e na Síria, Iêmen e na Líbia acontecem movimentos violentos, reações conservadoras, intervenções estrangeiras (Líbia), verdadeiras guerras civis.

A democratização dos países árabes sunitas vem se dando lentamente, mas é um progresso evidente em relação às ditaduras de grupos ligados aos interesses do petróleo e da política petroleira.

3. Considerações finais

Falar do fundamentalismo islâmico é de certa forma trazer luz para um tema relativamente mal conhecido dos nossos tempos, mas é também falar do humano, da sua forma de ser e estar no mundo. Entretanto, é preciso muita cautela, pois depende do ponto de vista de quem fala, sendo a desejável neutralidade algo muito difícil ou até mesmo impossível de se atingir.

O texto de Leonardo Boff, ao tratar do fundamentalismo entre os Estados Unidos e Osama Bin Laden, deixa clara a atitude fundamentalista de ambos, portanto, ouvir apenas uma versão pode levar a uma visão parcial do fenômeno. O olhar do Ocidente, a partir da Modernidade e da Pós-modernidade, com certeza difere profundamente da visão daqueles países que tentam resgatar ou viver segundo valores tradicionais. Dessa forma, atitudes que podem ser justificadas dentro da aparência norte-americana, são recebidas como ingerências pelos países islâmicos. Assim, pode-se dizer que o fundamentalismo está muito mais presente no mundo hodierno que

imaginamos; ele perpassa várias áreas da nossa vida, sendo muitas vezes difícil separar onde termina o fundamentalismo político e começa o religioso.

Geralmente, o outro é nomeado fundamentalista exatamente por aquele que ocupa esse mesmo lugar. Dificilmente alguém se diz fanático, é a partir do olhar do outro que se torna fundamentalista. Com certeza, se perguntar para uma pessoa assim nomeada acerca do que pensa de si própria, ela dirá que simplesmente defende o que acredita; os valores que considera importantes e sagrados, diante de um mundo hostil e frio. O que não deixa de ser verdade. Sentindo-se ameaçados em sua soberania, na defesa dos valores em que criam, formou-se a mentalidade de muitos que lutaram e morreram pelo resgate do Islã original, desejosos de viver um tempo que acreditavam ser de prosperidade e paz, configurado no mito da idade de ouro. Existindo num tempo onde a ocidentalização invade tudo e traz consigo novos valores, apertaram-se ao que tinham, numa tentativa de manter a sua identidade original, que julgam ameaçada. Aos olhos do outro, tornaram-se fundamentalistas islâmicos.

Entretanto, o que assistimos hoje é que, apesar dessa diferença e do esforço dos países árabes para impedir a entrada da mentalidade ocidental em seu domínio, a globalização é uma realidade inegável, toma conta de tudo e de todos independentemente do credo, do sistema de governo, da região geográfica. E se de um lado um dos seus efeitos foi o endurecimento daqueles que lutam contra a modernização, de outro lado, a população muçulmana, muito melhor informada, passou, ela mesma, a pedir por mudanças, de forma que a maioria dos países árabes passa um intenso processo de transformação que abrange todas as áreas da vida coletiva.

Referências

ARENS, Eduardo. **Qual verdade? Apuntes sobre el fundamentalismo**. Páginas, n° 188, ago. 2004, p. 36-52.

ARJOMAND, Said A. The search for Fundamentals an Islamic fundamentalism. In: TIJSEN, Lieteke van Vucht; BERTING, Jan e LECHNER, Frank (orgs.). **The search for Fundamentals**. The process of modernization and the quest for meaning. The Hague: Kluwer Academic, 1995, p. 27-39.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: sextante, 2002.

CASTELLS, Manoel. La era de La información. **Economía, sociedade y cultura**. Vol. 2. El poder de La identidad. Marid: Alianza Editorial, 1998, p. 28-49.

GUIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 447-452.

PACE, Enzo e STEFANI, Piero. **Fundamentalismo religioso contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2002.

PACE, Enzo. **Sociologia do Islã**. Fenômenos religiosos e lógicas sociais. Petrópolis: Vozes, 2005.

PEREIRA, Analúcia D. **A primavera árabe entre a democracia e a geopolítica do petróleo**. SÉCULO XXI, Porto Alegre. V. 3, n. 2, jul./dez. 2012.

ROCHE, Alexandre A. E. A primavera do mundo árabe-sunita: o islã árabe-sunita entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica. **Conjuntura Austral**. Vol. 2, n. 7, p. 3-15, ago./set. 2011.

SCHÜNEMANN, Haller E. S. O papel do “criacionismo científico” no fundamentalismo protestante. **Estudos da Religião**, v. 22, n. 35, p. 64-86, jul./dez. 2008.

Submetido em: 26-3-2014

Aceito em: 12-11-2015